

**OLHOS, MÃOS, ÓRGÃOS, DIMENSÕES, SENTIDOS:  
O CORPO HUMANO EM ARISTÓTELES<sup>10</sup>**

J. A Colen  
Centro de Ética Política e Sociedade  
Universidade do Minho  
orcid.org/0000-0003-0270-7416

Numa peça teatral de Shakespeare, o *Mercador de Veneza*, quando um dos seus personagens, Shylock, quer chamar a atenção para o que todos os homens partilham, não fala da natureza, nem da sublime música, nem sequer da Bíblia (o livro comum às religiões dos principais personagens). O seu lamento contra os que não compreendem que o mercador também está apaixonado e sofre, é um conjunto de perguntas sobre o corpo: “Não têm os judeus olhos? Não têm os judeus mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões? Não ingerem os mesmos alimentos, não se ferem também com as armas, não estão sujeitos às mesmas doenças, não se curam com os mesmos remédios, não se aquecem e refrescam no mesmo verão e no mesmo inverno que os cristãos? Se nos ferirdes, não sangramos? Se nos fizerdes cócegas, não rimos?”

E a sua vingança vai consistir em extrair do corpo do seu inimigo uma libra de carne.

**HABITAR UM CORPO TERRENO**

A nossa carne, o corpo humano, sempre foi um mistério para nós próprios. Algo que é nosso, mas que nos resiste, que não controlamos completamente, como se tivesse uma vida própria; que cresce quer queiramos quer não, que se deixa dormir sem nosso consentimento, que temos que aprender a dominar com esforço (mais que não seja, na infância para não molharmos a cama, mais tarde para nos levantarmos da cama), como se não fosse nosso, mas que, paradoxalmente, de uma maneira especialmente íntima, somos nós. Como se vivêssemos encarnados num corpo (a metáfora é antiga).

Platão, num diálogo sobre a arte de persuadir outros, faz Sócrates compor vários discursos. O mais importante destes discursos visa demonstrar que o amor é uma loucura concedida pelos deuses. Para tornar persuasiva a tese,

---

<sup>10</sup> “Olhos, mãos, órgãos, dimensões, Sentidos: O Corpo Humano em Aristóteles”. In Gonçalo Silva, António Morais e Miguel Oliveira, ed. *Da Inquietação Filosófica. Conversas sobre Questões de Vida ou de Morte*. Carcavelos: Editorial Aster, 2022, pp. 69-80.

ISBN 978-989-8586-20-9

sugere que é preciso uma ideia exata “sobre a natureza da vida individual, tanto divina como humana, observando as suas paixões e ações”.

“Paixões” são as emoções, quer dizer é o que sentimos e sofremos e que tem origem fora de nós; “ações” o que fazemos e tem origem em nós. A análise exata distingue a vida dos corpos inanimados.

Sócrates começa por declarar a vida imortal: “o que é animado de movimento perpétuo é imortal”, o que se move a si mesmo não se desagrega, um princípio não é gerado (ou não seria princípio). Os corpos pelo contrário são inanimados se são apenas movidos por outros, mas se são movidos do interior são corpos vivos, e essa é a natureza do princípio da vida.

Os personagens de Platão quando falam do princípio da vida usa uma expressão (“*psychê*” ou psique), que é costume traduzir por “alma”, mas isso só pode gerar ceticismo – pois os estudantes de filosofia sabem que não têm alma, muito menos uma alma imortal – e por isso parece preferível restringir-nos aqui a falar do homem como ser corporal.

A dificuldade da tradução não é a propriamente a escassez de palavras. Platão está a cunhar uma ideia nova e, para se opor aos atomistas e sofistas, o seu personagem Sócrates tem encontra certa dificuldade em explicar o que anima os corpos sem recorrer a uma metáfora.

A vida do homem pode ser representada pela imagem de um condutor que guia uma carruagem puxada por dois cavalos alados. Um dos cavalos é branco e tem um grande pescoço, é dócil e corre sem precisar de ser acicatado pelo chicote. O outro é negro, de pescoço curto, mal alimentado e causa problemas sem fim.

O condutor da carruagem é como o nosso intelecto (*logos, noûs*), a parte da “psique” que deve guiar o homem à planície da verdade; o cavalo branco seria o impulso irascível (*thumos*), qualquer coisa como a moderna fora de vontade; o cavalo preto representa as paixões ou concupiscências (*eros*). O condutor dirige a carruagem que anda pelos céus (quer diz, a vida humana que voa) tentando, por um lado, impedir que os cavalos sigam em direções opostas e, por outro, tentando que ascendam em vez de cair, perdendo as asas. Se cai e perde as asas, agarra-se ao que é sólido “passando a habitar um corpo terreno que parece mover-se por si próprio, devido à força que o anima”. O Ser humano é uma sombra do que foi ou podia ser se não tivesse encarnado, mas neste é um corpo com um princípio “vital”.

Tudo é muito metafórico e belo (embora estranho e algo cómico, tanto mais que se leem discursos escritos, mas a conclusão do debate é que nada deve ser escrito: os discursos devem ser gravados na alma). Felizmente, como acontece em muitos outros assuntos, o seu estudante Aristóteles deixou-nos uns estudos mais sóbrios e instrutivos sobre a vida e em particular sobre o corpo humano.

## OS ANIMAIS HUMANOS

Com efeito, Aristóteles no seu livro *Sobre a Vida* fala muito do corpo. A tradução habitual do título do tratado, do grego (*Peri Psychês*) para latim (*De Anima*) é uma fonte de confusão e desapontamento pois sugere-nos que vai falar muito do “espírito” humano, quando quase todo o texto é dedicado ao movimento do corpo e aos sentidos.

Fala do corpo, mas não do corpo sem vida (inanimado, cadáver ou “máquina”). O tema do livro é a “*psychê*”, aquilo que diferencia um ser animado de um ser inanimado, termo que se continua a traduzir por “alma”, na falta de expressão melhor para não repetir constantemente “princípio-que-anima-os-seres-vivos” – expressão que faria falta para designar uma ideia que nos é alheia.

Não é o seu único tratado sobre o assunto. Num conjunto de outros ensaios que parecem textos de conferências ou lições que Aristóteles teria dado, sob o título “pequenos assuntos naturais” (*Parva Naturalia*), o filósofo expande alguns dos pontos que aborda neste livro, falando sobre as coisas sensíveis, a memória, o sono e o despertar, os sonhos e profecias, a duração da vida, a juventude e velhice, a respiração, etc. Noutras obras fala da geração, das partes dos animais, e de coisas assim, tudo acompanhado de desenhos que se perderam. Mas o “mapa do território”, um pouco esquemático, encontra-se no tratado *Sobre a Vida*.

Apesar de haver uns predecessores de Aristóteles com boa reputação que ele se detém a refutar no início desta obra, podemos dizer que o seu é o primeiro grande tratado sobre o corpo humano vivo. Fala também, lá para o fim, da “inteligência” humana, mas o que diz não é nem muito interessante, nem muito claro e a sua interpretação ainda hoje é controversa. Em compensação, Aristóteles destacou-se sempre pelas observações e estudos dos corpos dos animais, incluindo o homem – que continuavam a impressionar muitos séculos depois.

Dois milénios depois Charles Darwin, na sequência de uma famosa viagem ao Pacífico no navio “H. M. Beagle” faz, como Aristóteles tinha feito antes dele nas ilhas da Ásia Menor, uma impressionante recolha de observações zoológicas que publica em cinco grossos tomos, também com muitos desenhos. Começa então a formular a teoria da evolução das espécies (que é ainda uma referência para a nossa visão de conjunto da biologia, mesmo que nos pareça errada ou a precisar de correção nos detalhes) cuja apresentação foi rodeada de alguma controvérsia (1859). A principal obra onde aplica a sua teoria da evolução das espécies ao homem, *A Descendência do Homem*, de 1871, essa sim causa verdadeiro ultraje (mas Karl Popper diz que foi só uma tempestade nas chávenas de chá dos vitorianos).

É o próprio Darwin que comenta numa famosa carta de 1882, escrita em resposta à oferta do seu amigo Dr. William Ogle da recente tradução do livro de Aristóteles, *Partes dos Animais*, depois de ler a obra de zoologia que tinha recebido: “Lineu e Cuvier eram os meus dois ídolos, ainda que de formas

diferentes, mas são meros rapazes da escola comparados com o velho Aristóteles”. Não tinha até então ideia do “homem extraordinário que ele foi”, diz, e acrescenta “nunca me tinha dado conta, antes de ler seu livro, da enorme quantidade de trabalho que lhe devemos, mesmo no que diz respeito aos nossos conhecimentos mais mezinhas”.

Darwin tentou dar uma explicação das emoções humanas comparando gestos, faces, que sublinhasse as semelhanças com outros animais, de modo a apoiar a sua teoria de que o fosso que nos separa dos outros animais não é prova de uma origem diferente. Nós, seres humanos, com efeito, somos animais que partilham com os outros animais os mesmos processos biológicos, cujas peculiaridades corporais são regidas pelo nosso “código genético” e cujas emoções nos impedem de esquecer que temos um corpo ou até, como dizia Albert Camus, que “habitamos o nosso corpo bem antes de pensar”.

Somos seres territoriais, que lutam para defender o seu território, como os chimpanzés, como eles acasalamos, comunicamos, de tal maneira que quase tudo o que fazemos tem um substrato biológico. Mas não comunicamos como as abelhas, mas com palavras abstratas, como justiça (e lutamos mais contra a injustiça que para defender o território). Somos “corpos” vivos que partilham com os outros animais a luta, amor, dor, ciúme e por aí fora, mas as diferenças são também iniludíveis.

#### CERA E FIGURA

O tratado *De Anima* (como é conhecido para bem e para mal) tenta examinar três ordens de problemas: que espécie de ser são os seres animados: que é este “princípio-de-vida” que designamos por psique? Será uma substância de natureza material, extensa, ocupando lugar no espaço, como diziam alguns cosmólogos antes de Sócrates? Ou algo abstrato talvez definido pelos números envolvidos nos componentes materiais, como diziam os matemáticos pitagóricos? Ou uma espécie de “qualidade” que decorre da forma como as partes materiais são combinadas, como dizem ainda outros?

Aristóteles parece insatisfeito com todas as alternativas anteriores e propõe uma solução de admirável simplicidade. Todas as mudanças implicam um substrato que não muda: é a matéria, se a mudança é radical, ou o sujeito da mudança, se é uma mudança “acidental” de certas propriedades. A matéria ou substância estão em potência para transformar-se ou mudar de certa maneira. O princípio-de-vida ou psique é certa “atualização” dessa potência, é a “forma” dos elementos materiais de que resulta o corpo. O ser humano corporal, como todos os seres corporais é mistura de “potência” e “ato”, de “matéria” e “forma”. Consoante a organização da matéria,

um corpo deste tipo será um organismo. São órgãos, de facto, até as partes das plantas, mas extremamente simples. Por exemplo, a folha é a proteção do pericarpo, o pericarpo a do fruto; as raízes são semelhantes à boca, pois tanto aquelas como esta puxam o alimento.

Se cumpre dizer, com efeito, algo comum a todo o tipo de psique, esta será o primeiro ato de um corpo natural que possui órgãos.

O princípio de vida (*psychê*) não é algo que se separe (com um bisturi, por exemplo) do corpo. Não se pode separar a cera e o molde, quer dizer, a matéria de cada coisa e aquilo de que ela é a matéria: por exemplo, não faz sentido perguntar se as “mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações, paixões” podem ser separados do homem. O homem é o que é porque é feito de um corpo feitos de certas partes.

A psique ou “princípio-de-vida” não existe só nos homens. Aristóteles diz-nos que há três espécies de corpos animados, numa espécie de hierarquia ascendente, e que o corpo humano inclui as capacidades ou faculdades próprias desses três diferentes níveis:

das faculdades da psique que referimos, a uns seres, como dissemos, pertencem todas, umas delas a outros, e a alguns seres pertence apenas uma só faculdade. Chamámos, então, faculdades às partes nutritiva, percetiva, desiderativa, locomotiva e discursiva. Ora, às plantas pertence apenas a faculdade nutritiva, ao passo que aos outros seres pertencem esta faculdade e também a percetiva. E se estes dispõem da faculdade percetiva, possuem igualmente faculdade desiderativa, pois o desejo é, de facto, apetite, impulso e vontade. Todos os animais, então, possuem um dos sentidos, o tato, e ao ser a que a sensibilidade pertence pertencem igualmente o prazer e a dor (isto é, o aprazível e o doloroso). Mais, àqueles a que estes pertencem pertence também o apetite, isto é, o próprio desejo do aprazível. Além disso, os animais possuem a percepção do alimento, visto o tato ser o sentido relativo ao alimento.

O tratado às vezes parecem notas de professor, com uns à partes:

Mas esclareceremos estes aspetos posteriormente; por agora, basta que fique dito que aos animais possuidores de tato pertence igualmente o desejo.

Aristóteles, logo de seguida, acrescenta: “No que respeita à posse da imaginação, a situação não é clara; devemos, assim, estudá-la posteriormente.” E prossegue: “A alguns animais pertence, além daquelas faculdades, também a de deslocação”.

Com efeito, alguns destes animais são hoje chamados às vezes “animais superiores” porque têm mais que um sentido, movem-se voando, rastejando ou andando, dormem e despertam, alguns reproduzem-se sexualmente (quer dizer, por complementaridade entre os dois sexos), têm certa vida social, talvez sonhem, mas certamente imaginam e recordam – embora quase todos tenham apenas uma memória de curto prazo e não façam “planos racionais de vida”.

Mas há animais que são um pouco diferentes, porque têm além dessas faculdades “nutritivas” “percetivas”, também uma razão (*logos*) ou um intelecto (*noûs*). É o caso dos homens e seria igualmente o caso de outros

seres de natureza semelhante, como os deuses (ou se preferirmos, os extraterrestres) se existirem.

Aristóteles em vez de começar por ordem descendente (a vida cai num corpo, como em Platão), começa de maneira ascendente a partir das faculdades do corpo (o corpo ganha vida). Entre as suas faculdades inclui as atividades que os homens têm em comuns com as plantas, por entender que a nutrição está na base de todas as demais manifestações da vida.

Para os seres vivos, ser é o mesmo que viver; e o “viver” dá-se em todos os seres vivos porque todos têm um “princípio-da-vida-nutritiva”, cujas funções são alimentar-se e gerar seres iguais, pois, para os que vivem “o mais natural dos atos é produzir outro ser igual a si mesmo, o animal, um animal; a planta, uma planta”.

Alguns seres vivos têm apenas essas funções vegetativas, como nascer, absorver alimentos, crescer, multiplicar-se; é o caso das plantas e de muitos seres microscópicos relativamente simples (que ordem de pormenor revela um exame atento das folhas, frutos e pericarpos!).

#### CORPOS VIVOS, ANIMAIS E OS SENTIDOS

Há ainda outros com capacidades que vão além de crescer e multiplicar-se (embora os animais também sigam o mesmo princípio que leva a produzir um ser igual, pois o animal produz um animal da mesma espécie).

Os animais são diferentes porque têm, além do mais, capacidades sensoriais. São seres “sencientes” (para usar a expressão do meu colega em Princeton, Peter Singer) porque sentem prazer e dor. Quer dizer, são capazes de “perceber” algo exterior, mover-se em direção a esse algo, porque encontram aí alimentos, ou afastar-se de algo, porque encontram aí perigo.

O homem é animal, mas os sentidos dos homens são mais completos e variados que os da maioria dos outros animais. O corpo do homem tem cinco sentidos (vista, olfato, ouvido, paladar, tato).

Ao contrário do que dizem os cétricos, os sentidos não enganam quanto ao seu objeto próprio:

chamo “próprio de cada sentido” ao que não pode ser percecionado por outro sentido e a respeito do qual é impossível errar, como: a visão da cor, a audição do som e o gosto do sabor. O tato, por sua vez, possui várias diferenças. Cada um dos sentidos discrimina, em todo o caso, este tipo de propriedades sensíveis e não se engana a respeito de serem uma cor ou um som.

Os cétricos e niilistas julgam que os sentidos nos enganam, que a chávena de café pode não estar aqui. Aristóteles diz que não: se vemos vermelho ou ouvimos agudos é porque temos essa experiência. Os erros são da interpretação, não da perceção. Pode não ser uma chávena de café, mas é branca.

Pode enganar-se, porém, a respeito do que é ou onde está o colorido ou o que soa. Os sensíveis daquele tipo são, portanto, os ditos “próprios de cada sentido”. Os comuns, por seu turno, são o movimento, o repouso, o número, a figura e a grandeza. É que estes não são próprios de nenhum sentido, sendo antes comuns a todos. Por exemplo, um movimento é sensível tanto pelo tato como pela visão.

Com efeito cada sentido além de captar certas propriedades sensíveis, capta aspetos comuns a outros, o que envolve o que os aristotélicos medievais chamaram sentidos “internos”: sentido comum, memória, imaginação.

Um destes sentidos internos é o sentido chamado “comum” ou unificador que permite reunir as informações percebidos pelos diferentes sentidos. Por exemplo, os dois olhos vêem cores e formas, movimento – e com isso percebem indiretamente as distâncias e dimensões relativas, embora possam ser enganados com ilusões de ótica – mas percebem também que a ave é também a origem do som do seu canto, ou a tábua de madeira que veem é também a origem da textura que sentem com os dedos. Os animais complexos como o homem atribuem as várias propriedades sensíveis percebidas a um mesmo ser ou substância exterior – mas quanto a isso podem também às vezes enganar-se, pois segundo Aristóteles não são o objeto “próprio do sentido”.

Outros “sentidos” corporais internos são a imaginação sensível, e a memória. Alguns outros animais têm certamente um mínimo de memória, sem a qual não seriam capazes de perceber o movimento de um predador ou vítima, e de imaginação, sem a qual não seriam capazes de fazer ninhos ou caçar. Mas a memória corporal do homem é especialmente duradoira, de grande alcance, e a imaginação especialmente poderosa e criativa.

Os corpos dos seres humanos têm todas as faculdades animais, mas têm algo que (tanto quanto sabemos) só eles têm, é único nos seres humanos: razão e palavra (discurso ou *logos*). São capazes não só de perceber as coisas pelos sentidos, mas de formar ideias ou palavras abstratas, e depois de elaborar juízos, fazer deduções, e mesmo teorias científicas complexas. E aplicam essas ideias: “constroem casas e bombas, e escrevem poemas e programas de computador”.

Também não agem só por instinto, mas são capazes de ir numa ou noutra direção segundo razões que precedem a ação. Por isso se diz que o homem é um animal racional. Tem capacidades “intelectuais”.

### OS CORPOS HUMANOS E O INTELECTO

O perceber intelectual implica certa “impassibilidade” (quer dizer, não é uma paixão ou emoção que sofremos porque tem origem fora de nós). O intelecto (passivo) é um recetáculo que se adapta às propriedades e formas que chegam pelos sentidos. Como diz,

Se o entender é como o percecionar, então é sofrer alguma afeção por ação do objeto entendível, ou outra coisa deste tipo. É preciso,

portanto, que esta parte da psique seja impassível, embora capaz de receber a forma, e que seja, em potência, como a forma, mas não ela mesma. O intelecto deve relacionar-se com os objetos que podem ser entendidos do mesmo modo que a capacidade de perceber se relaciona com os sensíveis.

No entanto não é só passivo: recebe “ao modo do recipiente”, abstrai e elabora. Se o princípio de vida não se pode considerar separadamente do corpo vivo, o mesmo não acontece com o intelecto: “Não é razoável, por isso, que o entendimento esteja misturado com o corpo, pois tornar-se-ia de uma certa qualidade, frio ou quente, ou possuiria algum órgão, como a faculdade perceptiva possui.” Este breve comentário gerou todo o tipo de debates: julga Aristóteles que o intelecto (“ativo”) é uma capacidade do homem individual? É uma espécie de “inteligência do mundo”? É que no tratado sobre a vida, Aristóteles dedica quase todo o tempo ao estudo do corpo humano e só na secção final faz um esboço do intelecto humano.

Parece claro que o facto de o homem ter estas capacidades “intelectuais” informa, modifica e “incorpora” (passe a expressão) todas as atividades e ações do corpo que são semelhantes ou paralelas às dos outros seres vivos.

O homem não apenas respira, dorme, ou digere alimentos (as mais das vezes de forma inconsciente, como os outros seres vivos), mas é capaz de perceber o que se passa com o seu corpo (sentir e voltar a atenção sobre o corpo). E claro, o homem fala. A língua é em parte natural (a fonética humana é limitada, como mostrou Ferdinand Saussure, e a dificuldade em articular certos sons explica a semelhança das primeiras palavras pronunciadas pelos “infantes e idiotas” em muitas línguas: *papá, abba, tatá*); é também em parte artificial ou convencional, mas um ser humano que a isso se aplique é capaz de exprimir-se noutras línguas e quase tudo se pode traduzir com mais ou menos facilidade (ainda que às vezes sem rigor: toda a tradução dizia Popper é uma interpretação). A linguagem “natural” não é geralmente rigorosa, é contingente, mas não infinitamente flexível, e pode até elaborar-se uma “gramática universal”, como mostrou Chomsky.

A maneira como o corpo humano se orienta para o que deseja é ainda mais interessante e estranha. Os aristotélicos distinguiram entre desejos irascíveis (como o ódio) e concupiscíveis (como a inveja). A diferença entre uns e outros depende de o objeto do desejo estar presente ou distante do alcance do corpo humano. Por exemplo: amamos ou odiamos o alimento que está em frente de nós, mas invejamos o que não está ao nosso alcance. Todavia, as atividades relacionadas com o corpo humano são muito diferentes das dos animais, porque o intelecto muda tudo. A alimentação humana transforma-se em “gastronomia”, a reprodução em “eros”, o crescimento pode ser imaturo ou “amadurecido” e por aí fora. Para descrever esta metamorfose seria preciso escrever um manual de antropologia mais rico que os que escrevem os antropólogos: uma antropologia filosófica (só há uns esboços, ainda não está disponível).

Mas o inverso também parece ser verdade: o intelecto humano é informado pelas características corporais. A formação das ideias abstratas continua a ser um mistério para os filósofos, mas não há muitas dúvidas que o “raciocínio”, por oposição à intuição, está ligado à animalidade do corpo humano e o mesmo se pode dizer da sua vida social dependente de outros (o homem é uma das espécies cujas crias são mais lentas a tornar-se independentes dos progenitores). O homem é um animal racional dependente, diz MacIntyre para sublinhar a nossa animalidade e vulnerabilidade. Aristóteles achava isto óbvio e sublinhava antes as diferenças. É que o homem, ao contrário das abelhas e dos rebanhos, comunica com palavras e, nomeadamente, usa a palavra justa, o que muda tudo.

Os homens não têm um corpo, são seres corporais. É difícil falar filosoficamente sobre o corpo humano sem parecer que o que temos que fazer é uma descrição anatómica dos “olhos, mãos, órgãos, dimensões, sentidos, inclinações e paixões”. Mas a descrição anatómica às vezes serve para chamar a atenção para a nossa comum humanidade, como é intenção de Shylock no *Mercador de Veneza*.

Uma abordagem filosófica tem que ver o corpo humano no contexto do cosmos e é isso que Aristóteles tentou fazer. O homem é um “microcosmo”, como tinha sugerido Demócrito e Aristóteles desenvolveu, mas depois os neoplatónicos repetiram até à exaustão, de Agostinho a Giordano Bruno.

#### O MAPA DO CÉREBRO E A COESÃO DO CORPO

Aristóteles descreveu o “princípio-de-vida” do corpo humano a que chamamos psique (não o intelecto) como a sua forma ou princípio que organiza a sua estrutura. A “alma” de Aristóteles não é como a mente de Descartes, que só pensa, mas não move as pernas, nem respira. Para Aristóteles isso era um disparate (embora ele reconhecesse que nem todas as estruturas corporais são adequadas à vida do intelecto).

Hoje achamos que o intelecto reside sobretudo no cérebro e não no coração, e que o desejo racional reside no coração e não nos rins. Temos mapas baseados nas doenças e incapacidades de executar certas ações segundo a parte do cérebro envolvida.

Em traços largos, o hemisfério esquerdo do cérebro está associado ao lado direito do corpo e vice-versa. Os estímulos do tato de um lado são transmitidos ao lado oposto do cérebro, com a exceção da cabeça e pescoço que estão ligados aos dois hemisférios. No caso da visão parece que as ramificações são mais complexas: a metade esquerda da retina envia informação para o hemisfério esquerdo, e no cérebro as ligações são infindáveis. Os ouvidos transmitem os impulsos às duas metades do cérebro, os cheiros só ao lado correspondente (sem troca). A fala é controlada pelo lado esquerdo do cérebro. Ambos os hemisférios estão ligados à coluna vertebral e

aos nervos periféricos através do tronco cerebral, mas também comunicam entre si através do *corpus callosum*.

Desde os anos 50 que se separaram os nervos óticos que ligam ao cérebro e o *corpus callosum* dos gatos (uma crueldade!) e que se procedeu à separação dos hemisférios em casos graves de epilepsia, o que ajudou a perceber o que acontece se o cérebro se divide. O cérebro pode ser representado por mapas complexos, com muitas camadas, os seus “circuitos” adaptam-se. Animais e homens na maioria dos casos comportam-se normalmente (a fala até pode ser recuperada, com mais ou menos esforço, se o lado esquerdo do cérebro é gravemente danificado). Mas o mais estranho é que às vezes nuns casos o cérebro “vê” os objetos, mas não “sabe” que lá estão e é incapaz de falar deles ou escrever o seu nome.

Para nós a relação entre a consciência e o corpo é um mistério, que deu origem a uma infundável literatura. Para Aristóteles não seria um problema. A psique por um lado garante a coordenação das partes materiais que compõem o ser vivo e determina as suas proporções, caso contrário os seus elementos físicos não se manteriam juntos (dentro de certos limites); por outro é o substrato das faculdades intelectuais. Que espécie de princípio pode explicar a unidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, comandar a variedade das suas faculdades?

Alguns dizem ainda que a “psique” é divisível, e que uma parte é o pensar, outra o ter apetite. Pois bem, o que mantém afinal o “eu” corpóreo (o corpo humano) coeso, se é divisível? Certamente não é a matéria de que é feita. Ao contrário, parece que é a “psique”, quer dizer, o princípio-de-vida, que mantém coeso o corpo, pois, quando a vida o abandona, ele dissipa-se e corrompe-se.

E a “vida” exhibe também um tipo de homogeneidade, no sentido de estar toda ela em cada parte do corpo, sendo possível em certa medida seccionar partes do ser vivo sem diminuir-lhes a vitalidade como um todo. Corta-se um braço, mas somos nós. Contudo, o viver diz-se, de facto, em vários sentidos, pois identificamos um ser como ser vivo caso tenha ao menos um dos seguintes atributos: nutrição, percepção, locomoção e inteligência, o que sugere que a psique talvez seja algo complexo. Mas Aristóteles parece preferir falar em potências ou faculdades e não em “partes da psique”. A palavra “parte” sugere uma coisa material.

Os atributos da vida humana são capacidades e têm diversas modalidades: umas intermitentes e intencionais (como a atenção voltada para o próprio corpo, a consciência e a maioria das ações), e outras simplesmente contínuas e não-intencionais (como respirar durante o sono).

A sua “psicologia” buscava escapar ainda de certos dilemas (lógicos e epistemológicos) legados por filósofos anteriores a Aristóteles sobre a ideia de “potencialidade”. Os megáricos, por exemplo, afirmavam que “o ser só tem capacidades quando atua e quando não atua não está em potência”. Isso, contudo, parece insustentável ao bom-senso aristotélico: se só o que atua tem

uma capacidade, seria como se “um construtor, por exemplo, tivesse de readquirir a sua habilidade, cada vez que reiniciasse o seu ofício”.

Da relação entre o corpo humano e o seu intelecto nasce uma estranha “doença” a que chamamos vida humana. O corpo ao contrário do intelecto não é transparente para nós próprios, mas a dor, ou o desejo que sentimos não é só o nosso corpo que sente, mas todo o homem.

#### A ESTRANHA DOENÇA QUE É A VIDA HUMANA

Hoje parece haver duas teorias dominantes (ao menos entre os filósofos profissionais de treino analítico): os dualistas e os monistas. Uns acreditam que o princípio da vida e o intelecto são “irredutíveis” e feitos de uma substância diferente do corpo, outros dizem que se pode reduzir tudo a matéria. O problema da comunicação entre o intelecto e o corpo começou muito depois de Aristóteles, com René Descartes e os seus discípulos. Um deles, La Mettrie, defendia que o corpo é só uma máquina.

Segundo uma história célebre, La Mettrie depois de ter escrito a sua obra, intitulada *O Homem Máquina*, teria dado um pontapé num gato, que geme de dor e foge, e teria comentado: “curioso, dir-se-ia que realmente sente. Felizmente sabemos que é um maquinismo” (hoje diríamos um feixe de eléctodos situados nos nervos).

Mas reduzir a vida do intelecto humano a um feixe de nervos tem-se revelado difícil senão impossível: é um pouco como esventrar o iPod e ver os circuitos integrados (os chips) com um microscópio electrónico, convencidos que vamos assim poder ver a música. Thomas Nagel diz que é impossível pois esbarramos no problema da consciência. Mas se podemos fazer uma descrição da psicologia do homem e até ter uma ideia do que se passa na mente dos outros é porque há uma comum humanidade. Pelo contrário, no caso dos animais com os quais pouco temos em comum tal não é possível – não podemos fazer ideia de como é o mundo para um morcego.

Essa comum humanidade é confusa. O homem deseja feijoada com o corpo e o infinito com a alma. Mas ter um corpo muda mesmo as aspirações mais sublimes. Porque é um ser corpóreo, está sujeito a estados de espírito como altos e baixos, e o que mais se parece com uma vida humana não é uma linha reta, mas uma curva sinusoidal.

#### *Textos citados:*

Albert Camus, *Le Mythe de Sisyphe* (Paris: Gallimard, 1990) [Ed. Or. 1942].

Aristóteles, *De Anima*. 412a28, 414a29, 414b16, 414b20, 414b34, 415a23-24, 415a25, 418a12, 428a5, 429a13, 416a16, 411b5, 413b16.

Aristóteles, *Metafísica*, 1046b29. 1046b33 e ss.

Aristóteles, *Parva Naturalia*.

Charles Darwin, “Carta de Darwin de 1882 a William Ogle” in *The correspondence of Charles Darwin*. (Cambridge: Cambridge University Press, 1985), [Ed. por Frederick Burkhardt et al.]

Platão, *Fedro*. 245c. 245c-d. 246b. 246c, 248 a-c.

Shakespeare, *The Merchant of Venice*, Ato III, Cena 1, v.44-51.

*Outras referências:*

Christopher Shields, “Soul and Body in Aristotle” *Oxford Studies in Ancient Philosophy* (Oxford: Oxford University Press, 1988), Cap. 6, 103-37.

Fred D. Miller, “Aristotle on the Separability of Mind” *The Oxford Handbook of Aristotle* (Oxford: Oxford University Press, 2013), 306-339.

Karl Popper, John Eccles, *The Self and Its Brain: An Argument for Interactionism* (London: Springer International, 1977), Parte II, cap. E2.

Martha C. Nussbaum, Amélie Rorty (Eds.), *Essays on Aristotle’s De Anima* (Oxford: Oxford University Press, 1995).

Stephan Everson, *Aristotle on Perception* (Oxford: Clarendon Press, 1997).

Thomas Nagel, “Brain Bisection and the Unity of Consciousness” *Mortal Questions* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1979), 147-154.